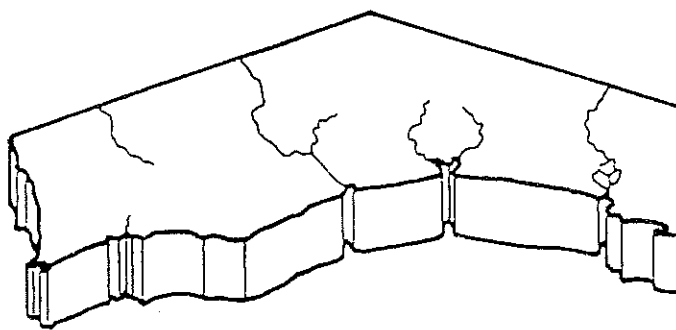


ENCUENTRO DE ARQUEOLOGIA DEL SUROESTE

DOCUMENTO DE TRABAJO



HUELVA-NIEBLA.

25 a 27 de Febrero de 1993

ORGANIZA:

GRUPO DE INVESTIGACION ARQUEOLOGIA DEL SUROESTE.
CAMPO ARQUEOLOGICO DE MERTOLA.



A MÃO DE FATIMA A A SUA REPRESENTAÇÃO NA ARTE HISPANO-MUÇULMANA. CERAMICA ESTAMPILLADA DE MERTOLA.

ABDALLAH KHAWLI.
CAMPO ARQUEOLOGICO DE MERTOLA.

RESUMO

O estudo mencionado em epígrafe faz parte de um trabalho em curso sobre a ornamentica de um lote de cerâmica estampilhada almohada de Mértola, o qual se caracteriza por uma variada decoração de caracter fitomórfico, geométrico, zoomórfico, epigráfico e antropomórfico. O único elemento de tipo antropomórfico é representado pela mão, correntemente conhecida por *Rhamsa* ou *mão de Fátima*.¹

Para o enquadramento das simbologias atribuídas ao culto da mão na civilização muçulmana, é importante fazer uma leitura sintética a algumas práticas préislâmicas, que possam ter uma ligação, directa ou indirecta, com a *Rhamsa*, objecto deste trabalho.

"A mão exprime as ideias de actividade, de poder e de domínio"², é um dos polos essenciais da condição humana, devido à sua função constante e indispensável na vida quotidiana do homén. É a mão que reage, que protege, que implora e o seu gesto explicita sempre o sentido da palavra. Esta importância "funcional" deu-lhe uma pesada carga simbólica em todas as civilizações. Assim, as primeiras representações da mão remontam às pinturas parietais do Paleolítico recente, as quais apresentam as mais antigas manifestações artísticas conhecidas da Humanidade.

Nas antigas civilizações orientais, e mais concretamente nas culturas hindu e budistas existe uma elaborada iconografia, na qual cada posição da mão tem um significado próprio dedicado a uma divindade concreta. De facto, entre os principais gestos da mão, chamados *Mudrã*, citamos a *Abhaya-mudrã* (símbolo da ausência do medo), manifestado por uma mão levantada, dedos estendidos, palma em frente. Este *mudrã* é atribuído a *Kālf*, força do tempo destruidor, superior ao medo, do qual protege os que o invocam.³

No mundo mediterrânico antigo várias culturas atribuíram um valor simbólico à mão, considerando-a como veículo de uma mensagem mágica ou mesmo divina. No antigo Egipto, e desde o século XVI a.C., a mão tinha sido representada como propiciadora

¹ O nome *Não de Fátima* é utilizado pelos europeus para designar a chamada *Rhamsa* -cinco- no Norte de Africa. No entanto desconhecemos se as mesmas expressões foram usadas na Idade Média. Em Marrocos, actualmente, as mulheres pronunciam não da senhora Fátima a -Zahara, a filha do profeta e esposa de Ali, na altura de pintar os olhos com o *Qhol* orando "a tua mão senhora Fátima a -Zahara precede a minha".

² Chevalier et al., 1987, p. 599.

³ *Idea* p. 600.

da vida, sendo a palma estendida signo de adoração em todo o Egipto e na Mesopotâmia⁴. Com a religião judaica a mão acumulou um papel religioso, pois a intervenção divina é representada pela Mão de Jeová, a mesma que entregou as tábuas da lei a Moisés e invocada, pelo seu poder mágico, pelos judeus para os proteger das influências malélicas. Para os fenícios e púnicos a mão (simbolizada nas estelas) correspondia a um *ex-voto* dedicado à deusa Tanit, sendo também um amuleto protector do mah olhado, a *fica-figa-* (foto 1)⁵. Com os romanos, a utilização da figa propuagou-se em todo o mundo mediterrânico; trata-se de uma mão fechada com o polegar colocado entre o indicador e o médio, representando assim a reunião dos órgãos genitais dos dois sexos. Este talismã fálico continuou exercendo a sua função profiláctica em todo o mundo cristão. No entanto, na religião cristã a mão simboliza tanto a força divina como o próprio Deus⁶.

Assim, em síntese, a mão adquire nas culturas pré-islâmicas três valores simbólicos fundamentais: como expressão de adoração ritual de um deus ou deuses nas antigas religiões orientais e nas civilizações egípcia e fenícia; como amuleto que preserva do mau olhado e dos espíritos malélicos, para os judeus, púnicos e romanos e como emblema da divindade que assegura a protecção dos que a invocam, nas culturas do antigo Egipto e na religião hebraica.

A civilização islâmica adoptou a mão, alargando o seu campo de influência e atribuindo-lhe novos conceitos, modelados segundo as normas da nova religião.

Para os muçulmanos a mão simboliza a divindade: o Corão menciona a mão de Alá, a suprema e a mais poderosa que se sobrepõe a todas as mãos. Segundo a tradição popular a mão corresponde ao nome de Alá escrito em árabe, juntando as pontas do polegar e do indicador (ver foto 3 e fig. 4, estampa II), correspondendo os cinco dedos tanto aos cinco dogmas do Islão, como ao número das orações canónicas diárias. Todos estes valores religiosos permitiram um uso permanente e indispensável da mão, seja como elemento apotropaico (que protege do mau olhado), profiláctico (que afasta os males) ou divino (que protege de -e contra- todos os males, humanos ou provocados por espíritos ocultos).

Observa-se então que as simbologias atribuídas à mão na cultura islâmica não se afastam muito dos conceitos anteriormente veiculados por outras culturas. Pode, portanto, falar-se de uma continuidade e adaptação do antigo culto da mão manifestadas materialmente em várias imagens das mãos que o folclore difundiu, e simbolicamente no poder mágico que a crença popular lhe atribuiu. As imagens da *Rhamsa* observadas actualmente, em Marrocos e na Palestina, não se diferenciam muito, portanto, das imagens medievais que ornamentam vários artefactos e cuja simbologia, consciente ou inconsciente, é raramente conhecida.

As mais antigas representações da mão na arte islâmica não

⁴ Seringe, 1985, p. 218.

⁵ Vich, 1990, pp. 32-39.

⁶ Seringe, op. cit. p. 220.

são anteriores ao séculos IX-X, como o demonstra um prato iraquiano deste período, cujo bordo é marcado quatro vezes por um conjunto de cinco dedos. Outros estereótipos foram registrados na cerâmica fatimida datada do séculos X-XII⁷. Morfologicamente, trata-se de mãos abertas, palma e dedos estendidos, que tanto podem ser mãos direitas como esquerdas, com ou sem antebraço.

Na arte hispano-muçulmana, a representação de elementos decorativos com sentido simbólico é muito comum. Com efeito vários temas de origen orietal, tais como a árvore da vida, flor de lótus, estrela de seis pontas...etc. que caracterizam o período califal continuam a ser usado posteriormente em vários tipos cerâmicos. A partir do período almorávida-almoada destacam-se novos símbolos que reflectem uma cultura ocidental submetida a uma ideologia ortodoxa. O motivo da *mão de Fátima* corresponde a um desses temas, observado em cerâmicas esgrafitadas e estampilhadas do período almoada, alcançando a sua difusão o apogeu nos séculos XIII, XIV e XV⁸ (Estampa I).

Em Mértola, varios tipos de mãos aparecem estampilhadas em grandes talhas almoadas, integradas num panorama decorativo em que representam como tema central (Estampa II).

Num primeiro fragmento (Foto 2) são expostas duas mãos esquerdas com antebraço representadas em dois registros diferentes. A superior está inscrita dentro de uma estrela de oito pontas, apresentando os dedos de diferentes dimensões, bem separados. A inferior, com os dedos da mesma altura, excepto o polegar que aparece isolado e mais pequeno. Vários temas decorativos ornamentam o resto da peça.

Num segundo fragmento (Foto 3), constata-se a repetição da *Rhamsa* em dois espaços diferentes; na zona superior, uma mão estilizada é enquadrada por um elemento cordiforme; nova série de mãos esquerdas com antebraço preenche a parte inferior da peça. Este último exemplo apresenta duas características importantes: o polegar aparece mais inclinado para direita, enquanto o resto dos dedos é exposto verticalmente; ao dedo mindinho está acrescentado um pequeno círculo que corresponderia, provavelmente, à última consoante da palavra *Alá* que toda a mão parece formar. Dois frisos epigráficos delimitam os dois registros onde a mão é representada.

O terceiro caso (foto 4) expõe dois protótipos de mão bem distintos, inscritos em dois registros separados por uma série de losangos concêntricos. O primeiro é preenchido por mãos direitas com antebraço delimitadas verticalmente por duas hastes. No segundo registo observa-se uma sequência de mãos estilizadas estampilhadas dentro de um motivo geométrico.

O quarto exemplo (foto 5) exhibe uma mão direita, bem estilizada, inserida no centro de um motivo arquitectónico semelhante a um arco ultrapassado. Todo o conjunto é enquadrado por um elemento tetralobulado.

Num último fragmento (foto 6) uma série de rosetas sobrepõe

⁷ Pavon Maldonado, 1985, p. 437.

⁸ Vários exemplos de mãos foram registados em cerâmicas estampilhada e esgrafitada do período almoada em Murcia, Silves, Dénia, Sevilham, Jerez de La Frontera... etc. Ver Navarro Palazón, 1986; Rosa Varela Gomes, 1988; Azuar Ruiz, 1989; De La Sierra Fernández, 1982; Montes Machuca, 1988.

um registo preenchido por matrizes apresentando mãos direitas cujo polegar, separado do resto dos dedos, é coroado por uma flor de lótus.

De facto, todas as representações de *Rhamsa*, acima referidas, apresentam um dos temas centrais que destacam geralmente as partes mais visíveis das talhas estampilhadas. Formalmente, todas elas correspondem a mãos realistas ou estilizadas, tanto direitas como esquerdas, com ou sem antebraço, associadas em belas composições decorativas, a outros elementos de carácter floral e geométrico adquirindo, muitas vezes, um valor profiláctico não só de protecção para o alimento armazenado na vasilha, mas também para a casa e os seus habitantes.

As virtudes atribuídas às mãos estampilhadas ficam concluídas com a apresentação de duas pequenas *Rhamsas* em osso (fotos 7.8 e 9.10), exumadas respectivamente, em Mértola e em Moura. A primeira é marcada nas duas faces por incisões que correspondem aos dedos o que torna difícil definir de que mão se trata. No entanto, é óbvio que se trata de um amuleto/pendente por causa do orifício que se situa na base da mão. Estes amuletos, geralmente são usados pelas pessoas mais sensíveis aos ataques dos espíritos maléficos como é o caso das crianças, idosos e mulheres grávidas. No caso da peça de Moura, do século XIII, esta manifiesta a mesma função profiláctica, apresentando um círculo no centro da palma correspondente, certamente, a um olho⁹.

Por tanto, é evidente que a sacralização da mão de Fátima marcou a sociedade hispano-muçulmana, pelo menos a partir do período almoada, razão que evidencia a provável ligação desta tradição com as culturas berbere ou judaica do Norte de África.

Após o período almoada o uso do símbolo da mão generalizou-se na Península Ibérica, tanto em objectos cerâmicos como em armas defensivas (pendões e escudos) e arquitectura militar. A cerâmica mudejar de Paterna oferece-nos uma gama de mãos pitadas e esmaltadas em candis; o mesmo motivo ornamenta talhas estampilhadas e pintadas, respectivamente, mudejares de Toledo e nasris de Granada. Outros estereótipos associados a chaves ornamentam as paredes da Alhambra, assim como escudos e pendões de guerreiros muçulmanos. Nestes últimos casos da *Rhamsa* deveriam ser mais potentes e eficazes porque o inimigo, desta vez, é o infiel cristão que não cessava de ameaçar as portas e as muralhas do reino nasri. Alguns exemplos detectados nas muralhas foram estudados por Pavon Maldonado interpretando o símbolo da mão como emblema divino enquanto que a chave corresponde às da cidade ou dos palácios estavam ameaçados pelos cristãos¹⁰.

Depois da conquista do reino de Granada, a mão resistiu ainda algum tempo, tendo sido adoptada pelos cristãos como amuleto profiláctico até a sua proibição por Carlos V (1500-1558).

Nos nossos dias a *Rhamsa* continua a ser usada em várias partes da Península Ibérica, certamente esvaziada da sua carga

⁹ Baseando-se em vários paralelos antigos de Paterna (N. García e al.), Granada (foto 11) e recentes de Marrocos.

¹⁰ P. Maldonado, op. cit. p. 439.

mágica, sob forma de aldrabas (foto 12) ou como simples jóias.
Nos países do Magreb, no entanto, continua activa a sua função
profiláctica, conservando as mais marcantes características da
sua simbologia antiga (foto 13)¹¹

¹¹ Foto reproduzida da Revista "GEO" n. 166, dezembro 1992, p. 92.

